

O samba pede passagem (para alguns candidatos)

PELAGIO GONDIM
Da Editoria de Cidade

O samba de Brasília, que pode não ser ruim da cabeça mas sempre andou doente do pé, começa a entrar no contagiante ritmo das eleições. Nesse pago de político, que às vezes se confunde com o samba do crioulo doido, a maioria das escolas continua sambando no compasso da indefinição. Algumas, porém, já rasgaram a fantasia e entraram com toda a animação na avenida da disputa eleitoral, exibindo aos eleitores os estandartes dos candidatos que apóiam. Mas independente dos cordões partidários, o sonho de todas é arreentar a boca das urnas para, depois, exigir que os eleitos façam o carnaval de Brasília sacudir a poeira e dar a volta por cima.

Foi com essa intenção que a Associação Recreativa Unidos do Cruzeiro (Aruc) — a maior escola de samba do Distrito Federal — abriu suas portas para todos os candidatos e partidos. O resultado foi um grande carnaval partidário. Em busca dos votos dos eleitores do Cruzeiro, que têm na Aruc o seu maior patrimônio cultural, empresários, comunistas, conservadores e progressistas caíram no samba. A maioria, porém, dançou no inicio de outubro, quando a diretoria se reuniu e decidiu: para o Senado, os empresários Lindberg Aziz Cury, do PMDB, e Osório Adriano, do PFL; para a Câmara, Carlos Fernando, do Partido Socialista.

Hélio dos Santos, da cúpula da Aruc, justificou que o apoio a dois empresários que antes nunca tinham pisado na quadra da escola foi em retribuição ao também empresário Athayde da Hora, presidente de honra da Unidos do Cruzeiro há 15 anos. Já o apoio a Carlos Fernandes teria sido mais ideológico. "Além de ser um velho conhecido dos sambistas da Aruc, está de-

fendendo propostas coerentes" — justificou Hélio, admitindo que a opção não agradou a outros candidatos que, mesmo antes de Brasília conquistar o direito de eleger seus representantes, já sambavam pela Aruc.

E o caso, por exemplo, dos candidatos Aldano Faria (PDT), Paulo Nardelli (PMDB), Benon Peixoto (PMC) e Manoel Brigadeiro (PMN). Os dois primeiros são membros da diretoria, enquanto Benon e Brigadeiro, além de fazerem parte do Conselho Deliberativo da escola, dirigem a Associação das Escolas de Samba do Distrito Federal. Nem por isso, os sambistas da Aruc ou de outras escolas concordaram em apoiá-los abertamente.

— O voto é secreto, mas eu sinto que meus companheiros de samba me apóiam — consola-se Brigadeiro, atual presidente da Associação, que não acredita que a política enfraqueça o samba de Brasília. Hélio concorda, e para evitar retaliações futuras, avisa a todos os candidatos que foram buscar o apoio da Aruc: "A escola tem seus candidatos, mas os moradores do Cruzeiro votam em quem quiser". Tanto que, segundo ele, no Cruzeiro Velho e no Novo são fortes as candidaturas de Aldano Faria, Paulo Nardelli, Meira Filho, Pompeu de Souza e Carlos Mu-

rilo.

— Aqui a gente não rejeita ninguém — avisa Anadir Rodrigues, o "faz-tudo" da Acadêmico, justificando com humildade: "Ao contrário do Rio de Janeiro, as escolas de Brasília ainda não têm força para eleger nenhum candidato. No futuro, pode ser que esse casamento de certo, mas por enquanto preferimos ficar na nossa, sem assumir compromissos e aceitando ajuda de quem quer que seja".

Anadir não deixa de ter suas razões. Afinal, a atual situação do samba de Brasília é mais de pedir do que de ofertar. Em termos de votos, por exemplo, se todos os sambistas das duas maiores escolas fossem votar nos candidatos que elas apóiam, chegariam a somente 3 mil votos. Isto, considerando que no carnaval deste ano tanto a Aruc quanto a Asa Norte desfilaram, cada uma, com cerca de 1 mil 500 sambistas.

Esse número, porém, cresce bastante se computados os sambistas das outras sete escolas, dos blocos e dos grupos de frevo. Juntas, todas essas agremiações, segundo Manoel Brigadeiro, conseguiram levar para a avenida entre 15 mil a 20 mil sambistas. Unidos, os sambistas brasilienses poderiam ter um peso muito importante nas urnas. Mas a divisão existe até mesmo nas escolas que há anos não pisam na avenida.

Este é o caso da Mocidade Independente da Ceilândia. De tão independente, a escola não sai há dois anos. Mas o seu presidente, Antônio Cardoso, entrou para política, sendo hoje membro do Diretório Regional do PFL da Ceilândia. Isto, depois de romper um desastroso namoro com o construtor Antônio Venâncio e o PTB. Cardoso está trabalhando para Maria de Lourdes Abadia, que lidera as pesquisas. Eleita, Cardoso espera ressuscitar a Mocidade, levando para a avenida uma escola movida pelo apoio financeiro

dos empresários que estão no PFL e pelos bicheiros que, como Cardoso, também estão distribuindo ajuda aos pefeлистas.

A Mocidade, vitoriosa nas urnas, pode voltar a brilhar na avenida em 87, ameaçando a Capela Imperial — a terceira escola do ranking carnavalesco mas uma das últimas em organização. Lá, ninguém segura o barco. Até mesmo o carnavalesco José Euzébio de Oliveira, indicado para presidir a escola, pensa em renunciar e nem quer saber de política. "Ninguém quer trabalhar" — reclama ele, desestimulando qualquer investigada eleitoral até mesmo dos candidatos que têm seu reduto em Taguatinga, como Valmir Campelo (PFL).

O mesmo não ocorre com o maior bloco da cidade, o Coração das Meninas. O Coração é tão aberto que sempre cabe mais um. No sábado, por exemplo, seus instrumentos e seus ritmistas foram animar uma roda de samba política do candidato Hélio Doyle, do PDT, numa das quadras onde sua candidatura está sendo consolidada pela juventude do partido.

Mas não é este o caso do Patotão, o maior bloco carnavalesco da cidade. Por mais político e irreverente que seja, o Patotaõ não fechou com partidos nem candidatos. Mesmo porque a cúpula do bloco, autodenominada Politiburo, é uma salada partidária e ideológica. Ao longo do ano, eles brigam por questões sindicais, mas no Carnaval conseguem se unir, pôr o bloco na rua e malhar o Governo.

Os sambistas das tradicionais escolas e blocos acreditam que não é malhando o Governo que vão conseguir melhorar o carnaval de Brasília. Mas Hélio dos Santos confia que a política possa oferecer o que a falta de representação política não conseguiu realizar até hoje: sede própria para todas as escolas.



Anadir



Benon e Hélio